Os dois nascimentos do homem[*]

João Pedro Benzaquen Perosa[**]

O texto *Os dois nascimentos do homem* (2011) repete a parceria entre os autores que já havia ocorrido no livro *Na presença do Sentido* (2004). Assim como em 2004, o livro é composto por artigos que não se relacionam completamente, mas que se complementam na proposição de explicitar, através de uma linguagem acessível, a perspectiva fenomenológica existencial para a compreensão do ser humano. Ao contrário do primeiro livro realizado pela parceria, nesse há uma preocupação maior em se dirigir ao leitor interessado em educação e saúde. Por um lado, o livro busca reunir textos dos autores acerca de temas que se referem à formação e atuação dos mesmos embasados em uma perspectiva heideggeriana. A educação e a terapia serão os horizontes de uma fenomenologia regional que permitirá uma reflexão crítica acerca da repercussão da era da técnica sobre a psicologia.

Na contra capa do livro há um trecho retirado do capítulo *Ética e Moral* onde se constrói uma explicação importante acerca do próprio título do livro. Os autores explicitam a compreensão de que se nasce homem, mas faz-se humano, portanto o cotidiano fazer-se humano é considerado um segundo nascimento do homem e é a ontologia que orienta as reflexões desse texto.

O livro é dividido em nove capítulos assinados pelos dois autores e uma apresentação assinada pelo filósofo Marco Antonio Casanova. Na apresentação do livro, o filósofo começa por indicar um procedimento tradicional dentro do meio acadêmico em olhar tecnicamente os textos e seus autores. Justifica com Nietzche a importância de romper com tais limites para devolver ao pensamento sua vitalidade originária. Casanova, ainda, aponta que tal empreitada é fundamentada no rigor do pensamento de Martin Heidegger e que como Medard Boss, tenta transpor o pensamento filosófico para o âmbito do discurso sobre a onticidade. No caso de Pompéia e Sapienza (2011), essa transposição é voltada para as questões próprias da educação, liberdade, limite, ética e terapia.

---

[*] Pompéia, J. A. e Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Rio de Janeiro: Editora Via Verita.

Pompéia, J. A. e Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do Sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC/Paulus.

[**] Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Psicologia, Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, PUC-SP. E-mail: jperosa@pucsp.br.

No primeiro capítulo, propriamente dito – Liberdade – vê-se uma retomada acerca do seu sentido mais próprio, seu significado atual, origens e etmologia. Neste trecho ainda retoma-se a compreensão que começa a se desenhar no século XIX com Hannah Arendt. Discute-se o que é liberdade, busca-se na onticidade histórica um primeiro contato seu significado. Os autores discriminam a liberdade em *liberdade humana, dos eventos* e *dos deuses*. Remontam o desenvolvimento da ciência determinista para questionar o caráter de realidade da liberdade. Ainda, nesse processo remissivo, trabalham o caráter opositivo da liberdade, ou seja, a liberdade de não realizar uma determinação. Há uma apresentação de diversos personagens que buscam essa liberdade como *Adão e Eva*, *Edipo Rei* e *Prometeu Acorrentado*, como forma de desenvolver o tema. A partir da compreensão de Hannah Arendt em *Entre o Passado e o Futuro*, discute-se a relação entre determinação causal e liberdade, suas relações como as fundadoras da ética e das ciências políticas. Os autores buscam se utilizar da escola de pensamento fenomenológica-existencial para discutir a liberdade em sua essência.

Há outra dimensão dessa reflexão acerca da liberdade apresentada nesse texto. A liberdade como um fator ontológico, que a compreende como propriedade do *ser-ai*, isto é, constitutiva por ser temporal, por ser linguagem, por poder-ser, por ser referente ao propósito e portanto à possibilidade. Os autores passam a tratar a relação entre liberdade e escolha, a existência da liberdade na escolha é apresentada como diretamente ligada à liberdade pela renúncia. Por fim, o texto compreende a liberdade como ontológicamente compartilhada e tendo seu único limite no ser mortal. Liberdade é compreendida como condição de ser livre com os outros no tempo em direção à morte, sendo clareira para manifestação dos entes.

O segundo capítulo do livro busca pelo originário da *Ética e Moral*. Estabelece uma compreensão correlata entre ética e habitat, e lhe confere o significado de intimidade. Nessa perspectiva retoma a origem significativa do termo, e sua etmologia em *ethos*. “O cidadão livre é o cidadão, cujo ethos é a pólis (...)” (POMPEIA e SAPIENZA, 2011 p.37). É assim que compreende a ética no título do livro, isto é, é na ética que se encontra o *segundo nascimento do homem*, quando ele se liberta de ser completamente determinado pela natureza. Assim, entende-se que as leis dos homens são restrições incutidas nas já existentes leis da natureza, mas que quase paradoxalmente explicitam sua liberdade. Nesse ponto há uma complementariedade ao primeiro capítulo, liberdade passa a poder ser compreendida junto à *ética* e a *moral*. Ética surge com o nascimento do homem livre. Os autores enveredam demonstração que a moral só é possível ao ético, ou seja ao homem livre. Demonstram que a ética está necessariamente vinculada à questão do tornar-se humano, portanto é relativa ao cuidado originário e a temporalidade.

O terceiro texto que compõe esse livro realiza uma compreensão acerca da *profissão do professor*, para tanto busca o contexto desse fenômeno relacionando-o à atualidade e às novas realidade familiares. É interessante notar como a construção da linguagem do texto visa um leitor envolvido com a experiência na profissão, volta-se à esse profissional sem deixar de ser interessante à pais alunos estudiosos da área. Nesse sentido realiza uma reflexão acerca da história da profissão, indicando o quanto ela justificava uma certa autoridade, hoje perdida. Conclui que, atualmente, o professor passou a ser um servo que inicialmente precisa seduzir para poder ensinar.

No título desse livro há a indicação de que os pensamentos contidos neles estão em referencia à *Era da Técnica,* e é nesse sentido que os autores discutem a escola enquanto empresa reverbera questões da sociedade para as quais o professor deve estar atento. Refletem acerca do modo como nossa sociedade está vivendo a era da eficiência, como maior produtividade no menor espaço de tempo, como o professor precisa entender essa relação de busca da educação pela ausência de sofrimento no processo, e as tentativas dos pais de se esquivarem da angústia pelos outorga da responsabilidade pela sua educação.

Por fim, o texto busca compreender o contexto do ser professor em sua essência. Desenvolve seu pensamento a partir do mundo do professor embasado no texto *Entre o Passado e o Futuro* (Arendt, 1979). É um capítulo bastante interessante por permitir um aprofundamento a partir de uma amplidão significativa de noções que fornecem uma visão ampla o suficiente para compreensão da vivência relativa ao fenômeno e precisa o suficiente para se manter rigorosa nessa empreitada.

O texto fornece uma aparente mudança de foco ao entrar no capítulo acerca da *Corporeidade*. Inicia esse capítulo tratando da tradição metafísica cartesiana que cria uma dicotomia no homem em *res cogito e res extensa*. Remonta a construção metafísica acerca do corpo e mente para apresentar a mudança paradigmática proposta por Heidegger em sua primeira obra *Ser e Tempo* de 1927, o filósofo propõe uma compreensão a partir do ser-no-mundo ou *ser-aí,* tendo como marca existencial primordial desse ser a abertura para o mundo, *ek-sistencia*, ser para fora e portanto impossível de ser divido em interno/externo, sujeito/objeto, psico/físico, mente/corpo. Apresenta essa compreensão como forma de compreender a temporalidade e a espacialidade como fundamentos da existência mais originários, e o corpo como qualidade da existência, não uma posse, não um invólucro da alma ou *psiquê*. Os autores tratam a *corporeidade* como qualidade e não como *substancialidade*, qualidade da existência que permite a especificidade originária da urgência e da necessidade. Relaciona, desse modo, a *indigência* da corporeidade à *temporalidade* do *Dasein*. Nessa perspectiva, buscam compreender os exemplos da anorexia e da tortura. Assim *corporeidade é compreendida* como *indigência* tendo um caminho

inexorável à irreversível morte, porém, também permite entender a *corporeidade* como *potência*. É como *poder-ser* que a *corporeidade* se apresenta como potência. Nesse sentido, prazer, afeto entre outras possibilidades de *ser-no-mundo-corporalmente-com-os-outros* que os autores trabalham toda a precariedade e potência do *Dasein,* e é nesse sentido que permitem a compreensão do que a tradição metafísica chamou de corpo físico como tendo uma condição existencial mais originaria.

No capítulo *Perda e Existência* os autores refletem acerca da condição da perda como inerente à existência. Focam, principalmente, nas perdas relativas à perda de alguma função, habilidade, ou seja as perdas temporárias ou definitivas que trazem consigo um maior ou menor grau de sofrimento. Entendem que as perdas são em última instancia perda de um futuro idealizado e às pensam de três distintas maneiras. Há a possibilidade de "re-sentir", e ficar preso à perda pelo rancor. Outra possibilidade descrita é a desistência do desejo e ficar preso à perda ao não se permitir sonhar mais, com medo de uma nova perda. Ainda converge sobre um terceiro tipo de perda, uma perda que trata de aceitação da sua existência na condição humana, isto é, uma aceitação que permite sonhar novamente, que compreende a perda como necessária para o surgimento do novo. O texto acaba por tratar de uma original perspectiva à essa condição de perda, ele volta-se para o auxílio à quem trata terapeuticamente de pessoas que passaram por essas situações de perda. Busca auxiliar os profissionais da reabilitação à compreender o sofrimento de quem perdeu alguém, um membro do corpo, ou uma habilidade cognitiva, mesmo que temporariamente.

O capítulo *O sacrifício do sonho* remete à questão do sonho na sua característica de linguagem. Trabalha a linguagem como capaz de desvelar possibilidades exclusivas ao *Dasein*. Busca compreender o sonho também na sua dimensão temporal. Trata do sonho como algo que apesar de se dar no presente, ainda não existe, a não ser como uma possibilidade do futuro. Assim, demonstra como o que "não-existe" ilumina, significa, re-significa e fundamenta o real no presente. Compreende o homem como um ser que pode a partir do "não-existe" possuir uma vivência real e concreta. Nessa reflexão o autor desenvolve a compreensão do homem como ser aberto para o desejado e para o inesperado. Demonstra como a própria realização de um sonho envolve a morte do mesmo.

Os autores desenvolvem essa questão a partir do exemplo do nascimento do filho e da morte do filho, trabalham significados possíveis à tais experiências e discutem a possibilidade de acolhimento dessas vivências. A partir daí buscam realizar uma compreensão acerca do homem como aquele capaz de sonhar e portanto necessariamente disposto ao sacrifício do sonho.

Todos os capítulos desse livro até esse capítulo possuem relacões diretas ou indiretas com as questões da sociedade, segurança e educação. Porém a partir do capítulo *A terapia e a era da técnica* os autores passam a tratar quase que exclusivamente da questão da clínica e da psicoterapia. Nesse capítulo é colocado a problemática do que é a terapia no referencial Daseinsanalítico e como ela pode responder às questões acerca da eficiência, resultado e controle próprios do que Heidegger cunhou como a *era da técnica*. Inicialmente os autores buscam o significado de técnica na atualidade, sua qualidade de produção e progresso, seu limite no cálculo e a consequente localização que dá ao homem moderno, na impessoalidade do "todo mundo".

Demonstram como na Grécia antiga, técnica (*techne*) era o meio, o procedimento para a *poiesis* (produção) e esmiuça a compreensão de que para os gregos, algumas coisas não podiam ser produzidas. Coloca isso para contrapor a visão atual de que tudo é visto como produzido ou produto, até o humano. Nesse sentido discute a impessoalidade da técnica, como algo "universal", objetivo e mensurável. A *era da técnica* é a era em que a técnica virou sinônimo de controle e se auto produz, a técnica gera mais técnica, num caminho autônomo e sem volta.

A partir dessa localização da técnica e do mundo que ela produziu que os autores passam a refletir acerca das demandas para a terapia nessa perspectiva. O que leva alguém à terapia e o que se espera dela? É em resposta à esse contexto contemporâneo que os autores especificam o que é próprio da terapia na Daseinsanályse. Como ela não desconsidera esse mundo de modo nenhum, mas compreende o limite desse olhar técnico para o humano. Após essa reflexão começam a indicar a disposição da Daseinsanalyse no que diz respeito a compreensão do problema, trata sobre a escuta do paciente e a localização da queixa na vida do indivíduo. Ao discutir que na Daseinsanalyse a técnica segue à compreensão e não o contrário, demonstram o como a Deseinsanlyse permite, na era da técnica, uma compreensão da existência que se destaca da soberania da técnica. Finalizam o artigo com um embasamento fenomenológico existencial que permite pensar a existência como tal, a escuta como tal e a compreensão como hermenêutica do sentido.

À esse capítulo segue-se um capítulo de desenvolvimento, onde a *Daseinsanalyse* é pensada na clínica de modo mais específico.

Há um aprofundamento na reflexão heideggeriana sobre a produção do conhecimento, sua dimensão no *logos* e sua implicação na vida de quem conhece. Parte-se de uma reflexão acerca do conhecimento explicativo, do universal, das ciências, da busca pelo comum e das consequências disso no pensar o homem. Refaz-se o caminho predominante da antiguidade à idade média, portanto aristotélico, e posteriormente incluí as reflexões cartesianas acerca do conhecimento, do logos

e da psiquê. Esse percurso tem a intenção de desvelar a origem, os significados e o sentido da psicologia, para poder posteriormente desvelar o sentido da psicoterapia. Ao entrar nesse assunto, são apresentadas as tradicionais perspectivas comportamentais, psicanalíticas e neurocientíficas que vão incidir sobre o conhecimento e orientar a psicoterapia, demonstrando de maneira simples uma compreensão acerca do fundamento dessas abordagens.

A clínica, enquanto psicoterapia será observada a partir da perspectiva de"atacar o mal", eliminar o sintoma, o sofrimento. Seja por via do determinantencomportamental, farmacológico ou inconsciente. Principalmente sobre a terapêutica farmacológica, os autores referem-se ao quanto essa perspectiva tem conseguido reduzir sintomas, e gerado consequências interessantes como a manutenção do tédio apesar da ausência de sintomas ou a compreensão de que a mediação medicamentosa da percepção cria uma insegurança quanto à realidade dos sentimentos vividos. Contrariamente à essas perspectivas há a sinalização que para Daseinsanalyse a psicologia é uma palavra vazia de sentido, pois para a fenomenologia-existencial o *logos* não é o modelo único e privilegiado de saber e nem a *psiquê* um estrutura interna. Heidegger é retomado em sua ontologia fundamental que permite a compreensão da especificidade da experiência humana para aproximar o leitor das especificidades do fazer clínico na *Daseinsanalyse*. Deriva dessa compreensão de Dasein uma perspectiva própria acerca do problema e da cura e vislumbra o trabalho do analista na modernidade. Um capítulo importante para demonstrar a especificdade do trabalho terapêutico nessa abordagem, que acaba por se distinguir ao não estabelecer teorias e diagnósticos *a priori* acerca das vivências.

O capítulo final desse livro é também de aprofundamento acerca das *Tonalidades Afetivas na Terapia*. Busca compreender verdade na clínica, os sentimentos e emoções que fazem parte dela e o faz a partir de uma compreensão do contexto de seus participantes. *Tonalidades afetivas* é a tradução comum para um o termo *Grundstimmung*, utilizado por Heidegger para indicar uma dimensão do fenômeno que determina o modo como ele se dá a partir do como ele é vivido.

O texto se apoia na compreensão heideggeriana da possibilidade de a vivência ser pensada sempre como algo próprio do *ser-no-mundo* e que isso se dá sempre de um jeito, um sabor, uma cor, um afeto, uma *tonalidade afetiva*. Nessa perspectiva a verdade é pensada como *aletheia*, como não esquecido, como desocultação. Os autores trabalham as perspectivas de paciente e terapeuta no inicio de uma terapia para exemplificar possibilidades de afinação do fenômeno a partir de seu contexto. Afirmam que o paciente parte do *desabrigo* por diversas razões, enquanto terapeuta parte do *estar-lançado* em função da posição que ocupa nesse processo

inicial. Compreende que ambos se deslocam para a *confiança*, como possibilidade do encontro da terapia. Se aprofundam na perspectiva de entrega e acolhimento como possibilidade de superação da situação.

Conclui-se que esse texto consegue, através de uma linguagem simples e direta, retomar a história do conhecimento, as suas teorias para tratar do mundo contemporâneo e suas facetas na educação e na terapia. Os *escritos*, como está no título, parecem textos separados, porém encontram numa mesma perspectiva — a *Daseinsanalyse* — uma unidade e complementariedade. Os autores conseguem aproximar, tanto o leitor leigo como o estudante das temáticas abordadas, de questões profundas e complexas de uma maneira clara, rigorosa e compreensível.